

Recuperação  
de Estruturas  
Hidráulicas  
muros  
e caminhos  
em jardins  
históricos



**Recuperação  
de Estruturas  
Hidráulicas  
muros  
e caminhos  
em jardins  
históricos**



## A ÁGUA NOS JARDINS PORTUGUESES

«(...) A água nos jardins ocidentais é uma constante manifestação da alma humana, que nos climas áridos ganha densidade simbólica como sinal de vida e do sonho de fazer florir o deserto (...)» O jardim português tem traços característicos que permitem distingui-lo dos jardins de outras culturas: a diversidade de árvores e arbustos, as vistas, a presença de azulejos e de grandes tanques. Quatro traços de «carácter», consequência da localização de Portugal, entre o Mediterrâneo e o Atlântico, e da sua história sociopolítica e económica.

O primeiro traço — a diversidade de árvores e arbustos de flor — é determinado pela história e pelo clima, o qual permite que tanto as plantas de regiões temperadas, como as das zonas subtropicais tenham aqui encontrado um habitat perfeito para crescimento e reprodução, tornando possível essa extraordinária multiplicidade de flores e folhagens. A história de um povo curioso que abriu caminhos marítimos para outros continentes reflecte-se nos jardins através da grande variedade de árvores e arbustos que os portugueses foram trazendo e aclimatando. A diversidade de árvores e arbustos de flor é um sinal desta história de trocas marítimas com todos os continentes e do clima benigno que as acolhe. O segundo traço — as vistas — decorre da topografia acidentada e, consequentemente, de um sistema de ocupação urbana que se instala no topo das colinas, preenchendo-as de cima para baixo, privilegiando as vistas, as grandes aberturas sobre o mar ou sobre os vales. Os jardins seguiram esta tradição e as vistas profundas são quase um ponto de partida do jardim português. A história deste



país e a sua localização geográfica determinam os dois outros elementos de distinção do jardim português: a presença de azulejos e de grandes tanques. A cultura islâmica, com uma permanência de cinco séculos no território português, marcou a forma como durante séculos se fez agricultura e deixou vestígios nas formas decorativas, com especial evidência no uso de azulejos. A sabedoria árabe sobre o uso da água na agricultura foi também herdada pela cultura portuguesa. Indispensável à sobrevivência das plantas tanto nas hortas como no jardim, durante quatro meses de Verão árido, a água armazenada em cisternas ou tanques, recolhida em minas e elevada por complexos sistemas de noras é distribuída nos jardins de formas variadas. A partir do século XVI, a água, antes de cumprir a sua função de rega, é posta ao serviço da arte e produz nos nossos jardins requintados espaços de conforto e beleza onde o céu se espelha, onde a luz se polariza em gotículas que sobem em repuxos. A presença da água nos jardins portugueses é a expressão das diferentes heranças culturais do país: a necessidade de reservas de água para rega fez aparecer os grandes tanques, junto a eles os pavilhões para «tomar o fresco» e as paredes decoradas de azulejos a reflectirem na água, criando um elemento de distinção dos jardins portugueses. Os exemplos das formas de água que encontramos nestes doze jardins contam a história deste entrançado de culturas que se reflecte nas formas de água. Com o restauro poupou-se água e devolveu-se beleza e frescura ao jardim.

# A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE JARDINS E SÍTIOS HISTÓRICOS



JARDINS  
HISTÓRICOS

A Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos (APJSH), uma organização não governamental sem fins lucrativos, foi criada em Janeiro de 2003 para responder à necessidade urgente de conservar e valorizar os jardins históricos portugueses, agrupando os proprietários destes jardins, dispersos pelo território português, em redor daquele interesse comum.

A iniciativa partiu de um grupo de profissionais de jardins que, depois do levantamento de jardins portugueses, levado a cabo em 1998, por encomenda do Fundo do Turismo, tomou consciência do estado degradado em que estes se encontravam e, tendo a convicção que o seu valor patrimonial, económico e recreativo não se encontrava legalmente defendido, assumiu a responsabilidade de criar a associação.

Integram os órgãos sociais da APJSH, desde a sua fundação, proprietários de jardins históricos ou responsáveis institucionais bem como arquitectos paisagistas, arquitectos, historiadores da arte, agrónomos, silvicultores, juristas e economistas. A APJSH tem actualmente cerca de duas centenas de sócios distribuídos por todo o país.

## O Projecto “Recuperação de Estruturas Hidráulicas, Muros e Pavimentos em Jardins”

Em 2006, a direcção da APJSH tomou conhecimento da existência do programa EEA Grants do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (MFEEE) e identificou dois sectores prioritários nos quais se poderia enquadrar o restauro de jardins históricos, com vista ao seu financiamento: a reabilitação de património histórico e cultural e a protecção do ambiente, abrangendo

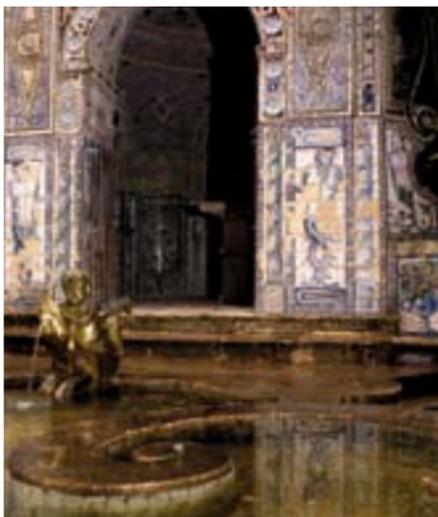
a área preferencial de melhoramento de sistemas de gestão de água. Submeteu, então, uma candidatura a este programa com a designação «Recuperação de estruturas hidráulicas, muros e pavimentos em jardins». Como promotora do Projecto, a Associação criou parcerias com um parceiro público (a Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra que tutela o Jardim Botânico de Coimbra) e com sete parceiros privados (as entidades proprietárias do Palácio Fronteira (Lisboa), da Quinta das Lágrimas (Coimbra), do Jardim José do Canto (Ponta Delgada, Açores), da Casa de Juste (Lousada), da Quinta de Santo António (Lisboa), do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Lisboa) e da Quinta do Senhor da Serra (Belas) ); os restantes intervenientes foram os proprietários particulares do Paço Vitorino (Ponte de Lima), da Quinta da Boa Viagem (Viana do Castelo), da Quinta das Machadas (Setúbal) e da Quinta da Francelha (Lisboa). Em 2007, aquela candidatura foi aprovada e iniciou-se o Projecto de restauro dos 12 jardins mencionados, que durou três anos e meio. O investimento total do Projecto foi de €1.084.324, dividido por quatro grandes rubricas:

- Despesas gerais: custos de gestão, custos administrativos, investigação académica, fotografia, publicação do livro (13%);
- Estudos hidráulicos e topográficos (3%);
- Projectos de arquitectura paisagista e de rega (9%);
- Obras de restauro de sistemas hidráulicos, muros e pavimentos (75%).

A afectação dos valores a cada jardim foi feita de acordo com a dimensão da intervenção técnica necessária, tendo em atenção também a capacidade financeira de cada proprietário.

Todas as despesas elegíveis no âmbito deste Projecto foram financiadas em 60% pelo Programa EEA Grants depois de validadas pela Unidade Nacional de Gestão do MFEED e pelo Instituto Financeiro do Desenvolvimento Regional.

## 1. Jardins do Palácio dos Marqueses de Fronteira



Localizada no sopé da serra de Monsanto, em Lisboa, a Quinta dos Marqueses de Fronteira é constituída pelo palácio, capela, jardins formais dispostos em terraços, horta, pomares e pelas vinha e mata, ocupando 6 hectares da encosta, com vistas sobre o vale de Benfica.

O palácio e os jardins foram construídos por volta de 1665 por D. João de Mascarenhas celebrando a Restauração portuguesa. Em 1982, o Palácio foi classificado como Monumento

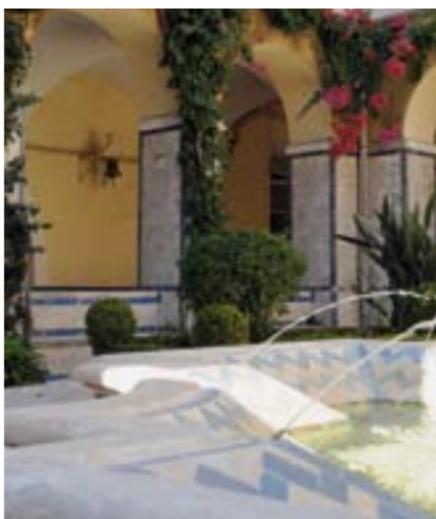
Nacional. O sistema hidráulico escavado no basalto e calcário, conduz a água em minas até encher os tanques e lagos que alimentam as fontes, repuxos e canais de pedra, através de engenhosos sistemas de circulação gravítica de águas.

O terraço principal é um excelente exemplar do jardim português, com o parterre, cinco fontes com repuxos e o enorme lago dos cavaleiros, onde se reflecte a parede de azulejos, que suporta a galeria dos reis.

A Casa de Fresco, revestida a embrechados e azulejos, é o tesouro escondido do Palácio, que se liga ao Lago dos SS. Desde o início dos trabalhos do projecto EEA Grants, a prioridade foi voltar a fazer funcionar a água neste conjunto, restabelecendo o sistema de esguichos, repuxos e a mesa de água por gravidade, preservando ou restaurando as tubagens originais. A segunda intervenção no Jardim do Laranjal é encomenda de Fernando Mascarenhas, desejando deixar uma marca do século XXI que prolongue os jardins através de uma peça artística e dar vida ao terreno da horta sem uso e o projecto foi completado com o revestimento dos lagos a azulejos pelo mestre Eduardo Nery. Este jardim invisível dos jardins acima, é alimentado pelas águas dos repuxos do Lago dos SS's e da Casa de Fresco promovendo assim uma poupança de água e o embelezamento de um jardim com azulejos de traço contemporâneo que interpreta a carga histórica do jardim seiscentista, logo acima.

## 2. Claustro do Convento do Bom Sucesso

Em 1628, a condessa da Atalaia, D. Iria de Brito, doa a sua quinta em Pedrouços a um convento. Sendo necessária autorização régia, D. Iria de Brito pede a interferência do dominicano irlandês Daniel O'Daly junto do rei Filipe III de Portugal que autoriza a construção do convento, em troca do apoio das tropas irlandesas para reforçar o exército espanhol contra a Flandres. Foi, então, ali edificado, entre 1645 e 1688, o Convento do Bom Sucesso. Em 1997 o convento foi classificado como Imóvel de Interesse Público.



Ao entrar no claustro destacam-se, em simultâneo, a fonte e o pináculo da torre da igreja, ambos recobertos por azulejos azuis e brancos em ziguezague, criando uma unidade de materiais constituída pelo revestimento azulejar das arcarias do claustro.

No lago, a água da taça central, é conduzida por uma peça em cobre que se move em círculos com a pressão da água espalhando-a, e oito esguichos nos vértices que foram recuperados. Foi também instalada uma bomba que permite a recirculação de água.

Com a intervenção refizeram-se os pavimentos do claustro em calçada, a drenagem, os canteiros e o antigo sistema hidráulico do lago .

Os pavimentos em betão foram substituídos por calçada, os muretes por lancil de calcário e ainda por calçada de maiores dimensões os canteiros das trepadeiras. Os algerozes foram ligados a tubos de drenagem subterrâneos e as valetas em redor dos canteiros centrais ligam aos sumidouros.

A luminosidade introduzida pela pedra branca, a frescura e o barulho da água animam o claustro, o qual mantendo a sua traça ganhou vida e beleza.

### 3. Jardim José do Canto



O jardim José do Canto (de Sant'Ana) na ilha vulcânica de S. Miguel é um exemplo típico do jardim do séc XIX sendo diferente dos jardins do continente pela localização e geologia da ilha onde a média anual é de 17,5°C, criando uma atmosfera húmida e temperada muito favorável ao crescimento das plantas. José do Canto estudava botânica e herdara muito, mas sobretudo tinha uma paixão pelas plantas, investindo nos seus jardins a sua fortuna e os

seus conhecimentos quase transformando a ilha num arboreto onde as experiências de aclimação com as cerca de 2.000 espécies tiveram sucesso. O seu jardim de Ponta Delgada é um jardim do estilo pitoresco plantado por ele com o apoio de um arquitecto David Mocatta a quem, se deve a traça do jardim mas é sobretudo uma notável colecção de arvores onde a prioridade foi dada às novas espécies e o próprio palácio só foi rematado no século XX. Junto do palácio as hortênsias e o roseiral (rosal) incluem-no no tipo de «jardins floristas», que tem varias expressões mas que é sobretudo um espaço de conforto de pequena escala com flores de corte e canteiros floridos todo o ano para serem apreciados em passeio e a partir das janelas da casa. A pluviosidade nos Açores é alta e a rega é só necessária em Julho e Agosto por isso a recolha de água nos telhadas e a sua condução para cisternas é a melhor forma de assegurar a água para rega do roseiral e das áreas de flores mais expostas pois a maior parte do jardim vive à sombra dos exemplares gigantes que há 150 anos José do Canto plantou. Entra-se no jardim por uma alameda que termina numa grande estátua do fundador atrás do qual se desenvolveu uma vegetação luxuriante e por onde serpenteiam os caminhos bordejados de camélias e azáleas.

## 4. Quinta da Boa Viagem

A Quinta da Boa Viagem localiza-se entre a serra e o mar. A sua paisagem envolvente é única, com lugares muito aprazíveis por onde escorrem regatos, atravessando velhos caminhos romanos e medievais. Durante o século XVIII, a família Villasboas, proprietária da quinta, com a riqueza vinda do Brasil e o sucesso da introdução do cultivo do milho, pôde reconstruir ou acrescentar sobre a casa dos antepassados a expressão da ostentação do



período barroco, podendo mesmo afirmar-se que a Quinta da Boa Viagem é uma das quintas nobres setecentistas com maior interesse no concelho de Viana do Castelo. Actualmente, a Quinta da Boa Viagem pertence a José Inácio Teixeira de Queiroz que investe continuamente na sua recuperação, e como sócio activo da Associação Portuguesa de Jardins e Sítios Históricos foi dos primeiros entusiastas da candidatura ao projecto EEA Grants.

Uma vez que todo o sistema hidráulico da quinta perdia água por sofrer de um generalizado mau estado de conservação, o projecto EEAGrants permitiu recuperar os caudais naturais que brotam dos granitos da serra e que o alimentavam. Os restauros iniciaram-se pelo desentupimento e abertura de minas que traziam a água e que haviam aluído; depois na entrada em frente do solar, foram armados terraços e recuperados muros de granito cuja execução seguiu o método e a forma vernacular dos muros de pedra do Minho; e, finalmente, terminaram com a construção no jardim das traseiras e colocação da Fonte Nova alimentada pelo tanque de St. António. Esta quinta vive muito da água que por ela corre, abundante, límpida e que ao longo dos séculos foi "esculpida" em caleiras em tanques e em fontes, dando vida a todo o espaço.

## 5. Jardim do Paço Vitorino



O Paço Vitorino, localiza-se na região do Minho, na vila mais antiga de Portugal, Ponte de Lima. É uma casa que data do séc. XVI, conhecida por Quinta do Barco e teve como primeiro proprietário António Ramos, capitão de infantaria que acompanhou Francisco Pizarro na conquista do Peru onde foi governador da cidade de Cusco.

Em 1580, esta quinta acolheu D. António Prior do Crato, possível herdeiro da Coroa, quando este fugia das tropas

espanholas, passando a denominar-se Paço. Em 1836, a quinta ficou conhecida como a «casa queimada», por ter sido incendiada por um grupo de assaltantes liberais. Ficou definitivamente conhecido por Paço de Vitorino, quando El-rei D. Carlos I concedeu o primeiro título de conde do Paço de Vitorino a Francisco de Abreu de Lima Pereira Coutinho, bisavô do actual proprietário, José Pereira Coutinho. Ao longo dos tempos o solar sofreu várias modificações, mas o século XVIII foi sem dúvida a época que marcou decisivamente a traça actual da casa, da capela e dos jardins.

Para chegarmos ao Paço Vitorino percorre-se uma alameda de carvalhos e depara-se com um muro de ameias onde se destaca a capela, com uma construção muito habitual do Minho. Ao entrar pelo imponente portão, com a pedra de armas da família (Abreus, Coutinhos, Pereira, Limas), ergue-se ao fundo do terreiro a nobre casa, apenas de um piso, mas dignificada através da varanda de arcaria e com uma elegantíssima escada de balaústres, de lanços opostos. No lado direito, encontra-se uma pequena entrada que dá para um pátio interior, claramente descentrado para o lado direito da casa, que estabelece a ligação entre o terreiro e o jardim de traçado barroco. De planta rectangular, o jardim barroco encontra-se murado, tendo duas aberturas na extremidade norte. Pelo lado esquerdo acede-se ao pomar, o qual terá sido inicialmente o jardim da casa, ou seja, a horta ajardinada.

Este jardim adormecido nas últimas décadas, onde a vegetação cresceu em excesso, escondendo os leves resquícios de informação, e cujo traço se encontrava desbotado pelo passar dos anos e pela falta de manutenção integrou em 2006 no projecto EEA Grants. Neste projecto foi dada prioridade à recuperação de toda a estrutura hidráulica do jardim, limpeza de minas, reconstrução de telheiros, limpeza e recuperação de estatuária, reconstrução e limpeza de muros que limitam o jardim e o pavimento no jardim barroco junto dos tanques. Com esta intervenção paisagística contribuiu-se inquestionavelmente para a promoção do seu valor paisagístico, histórico e cultural, respeitando a herança e testemunho deste jardim misterioso e fascinante escondido por entre muros.

## 6. Jardim da Casa de Juste

A Casa de Juste fica no conselho de Lousada e integra as terras do Sousa, que pertencem ao grupo dos espaços rurais tradicionais, marcados pelos campos agrícolas recortados, às vinhas, pomares e mata.

A origem desta propriedade, com a respectiva casa nobre, remonta aos primórdios da nacionalidade portuguesa, havendo registos desde o início do século XIII.

Em 1991, a Casa de Juste é doada por Gonçalo Coutinho Osório aos seus filhos e actuais pro-

prietários Ana Osório e Fernando Guedes. Inicia-se um processo de recuperação com vista à sua adaptação para turismo e eventos e a construção de uma fábrica de produtos alimentares, feitos a partir de receitas tradicionais da casa.

A casa está rodeada por jardins (Jardim do Lago, do Inglês, das aromáticas) caminhos plantados com camélias ou peonias, terreiros onde a água corre através de tanques, fontes e caleiras, toda a propriedade se encontra envolvida por uma mata que constitui um elemento de enorme importância ecológica e estética.

Efectuaram-se intervenções de recuperação de pavimentos e muros na zona de entrada e caminhos de acesso.

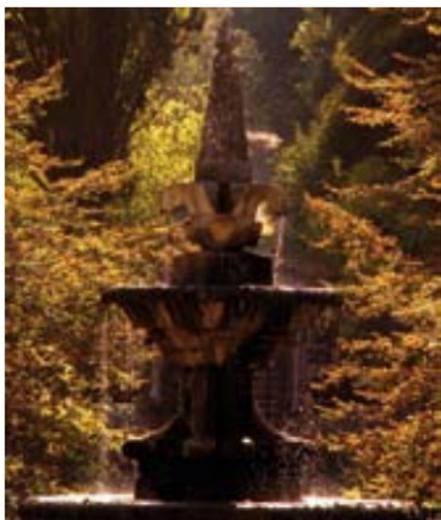
Foi introduzido um sistema de rede de rega automatizada em todos os espaços que eram até à data regados manualmente.

Foi reestruturado o sistema de armazenamento e distribuição de água, com a construção de um tanque em granito que recebe e armazena água de duas das minas e da nascente a montante, a água corre para o tanque e cai numa caleira construída em esteios de granito, esta água será depois conduzida para o tanque do jardim principal.

Esta casa com este projecto melhorou todo o seu sistema de gestão de água, bem como grande parte dos seus caminhos de acesso, permitindo, assim uma requalificação do seu funcionamento e uma melhoria da sua imagem como património paisagístico.



## 7. Jardim Botânico da Universidade de Coimbra



O Jardim localiza-se no centro histórico, numa encosta da margem direita do rio Mondego, estrutura-se em duas zonas: o jardim formal em terraços, ocupando 3 ha e a mata com 10 ha, ao longo da encosta.

A decisão de construir o Jardim, em local escolhido por Vandelli, data de 1772 quando William Elsdon com a colaboração de Dalla Bella traça o desenho inicial do jardim com base nos apontamentos de Vandelli. Em 1777 é traçado um plano mais modesto, representado no

desenho de Júlio Mattiazzi. Nos anos que se seguem, é desenvolvido o sistema hidráulico que permitiu o abastecimento de água ao jardim. As obras prolongam-se estando concluídos, em 1790, o terraplano inferior, o muro que separava a cerca de São Bento, o lago, a fonte central e o encanamento das águas.

Brotero, entre 1791 e 1811, torna-se o grande impulsionador do jardim e sob a sua direcção foram concluídas importantes obras.

O século XX foi pautado por um enriquecimento botânico com plantas trazidas das colónias.

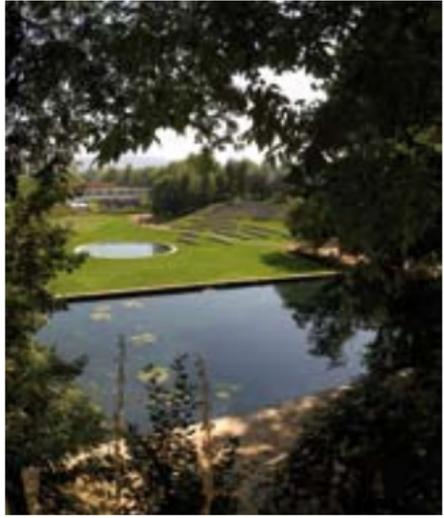
Nesta candidatura, fizeram-se duas intervenções: aproveitamento das águas das minas e furo com a introdução de um sistema de rega automatizada e ligado a uma estação meteorológica; prospecções, levantamento e limpeza da fonte e das minas da mata.

No que diz respeito à primeira intervenção atingiram-se os três objectivos propostos: redução do desperdício de água; redução do consumo da utilização de água da companhia, aumento da infiltração no jardim.

Quanto à segunda intervenção no início a Fonte de Santa Escolástica — Fonte dos 3 Bicos, encontrava-se coberta por vegetação. Efectuou-se uma limpeza para poder caracterizar e cartografar o sistema de condução de água e avaliar o seu estado de preservação. O conjunto apresenta semelhanças com uma capela existente na mata, designada por Fonte de São Bento. Os dois edifícios surgem nas plantas da cidade do século XIX. É provável que ambos sejam de construções anteriores à formação da mata.

## 8. Quinta das Lágrimas

A Quinta das Lágrimas tem raízes no Século XIV, restando dessa época o "Cano dos Amores", construído em 1326 pela Rainha Santa para abastecer o Convento de Santa Clara, que se situa a 500 metros. Foi palco dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro, que "ali passaram" como escreveu Camões. A Fonte dos Amores (com os arcos gótico e neogótico contíguos) e a Fonte das Lágrimas (onde a lenda secular diz que a cor vermelha das algas é o sangue de Inês), foram imortalizadas nos "Lusíadas" e pelo menos desde o Século XVII são lugar de peregrinação romântica.



No Século XVI um belo tanque de rega, no Século XVII os muros de suporte da mata e as canalizações de água para um lagar de azeite, no Século XVIII e XIX uma riquíssima coleção de árvores, reforçaram o carácter único do local. No Século XX, após se ter transformado o Palácio num Hotel (da famosa cadeia Relais & Chateaux), foram feitos restauros que culminaram no Século XXI com um premiado jardim medieval (menção honrosa do Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista), um jardim japonês e a plantação de muitas centenas de árvores e arbustos raros.

Com o apoio do EECGrant foram reestruturados os sistemas de águas, recuperados os muros de suporte e canalizações medievais e seiscentistas, e a Fundação Inês de Castro, hoje possuidora deste espaço, encomendou à Professora Arq. Cristina Castel-Branco um anfiteatro e o arranjo da área envolvente que ganhou em 2008 o 1º Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista.

## 9. Quinta das Machadas



A Quinta das Machadas de Cima, em Setúbal, adquirida à Ordem de Santiago, por volta de 1760, por Jacob Friedrich Torlade, cônsul da Liga Hanseática na cidade, pertence à família até ao actual proprietário, Hugo O'Neill sócio da APJSH. Os 5,5 ha de área irrigada produzia laranjas para exportação para as cidades Hanseáticas no mar Báltico.

Toda a quinta dependia da água subida através de noras em poços para regar os talhões de laranjeiras em quadrícula, marcada

por caminhos ladeados por caleiras de água e ornamentados por bancos e pérgulas. Nesta quinta, a função e o ornamento atingem uma harmonia perfeita. As estruturas hidráulicas das quais dependia a magnífica produção de laranjas e o rendimento da família, inicia-se com poços e noras que captam as águas dos aquíferos.

Todo o sistema foi restaurado com o apoio do EEagrant e a replantação do laranjal agora irrigado por gota-a-gota trará de novo a imagem do verde perene das laranjeiras. O sistema mais interessante é o do Poço, Fonte de Embrechados e Tanque de Thor que estavam recuperáveis. Só a Nora Mourisca, faltava mas manteve-se a estrutura de alvenaria e pedra acoplado-lhe uma bomba submersível invisível que capta a água e a distribuí por gravidade pelos mesmos canais e caleiras agora restaurados, dotando-os de comportas e distribuindo água através das almácegas.

O outro sistema restaurado (Poço e Nora do Aqueduto) afirmou o cunho de autenticidade e valor patrimonial, pela utilização dissimulada de uma bomba para captação da água, remoção de elementos dissonantes e por último pela estabilização do pilar mestre de apoio à estrutura da nora, mantendo o sistema de alcatruzes.

Os cruzamentos de caminhos considerados preferenciais para a visita às noras, foram repavimentados e nivelados os bancos existentes e todo o ambiente de quinta de recreio e produção foi assim reabilitado.

## 10. Paço de Belas e Quinta do Senhor da Serra

No sopé da Serra da Carregueira, ocupando vales férteis e húmidos na confluência das ribeiras de Belas e do Jamor, o Senhorio de Belas terá sido constituído em 1147, fruto da doação por D. Afonso Henriques a Robert Lacorne, em agradecimento pela colaboração na conquista de Lisboa.

Em 1334 os bens do Senhorio são adquiridos por Lopo Fernandes Pacheco, que os lega a seu filho Diogo Lopes Pacheco, implicado no assassinato de D. Inês de Castro.

Aquando da morte de D. Afonso IV, em 1357, D. Pedro I, ao subir ao trono confisca todo este património.

A partir desta data a Quinta de Belas passou a integrar os bens da Coroa, sofrendo importantes obras de transformação em Paço Real, frequentado por D. Pedro I, D. Fernando I, D. João I e D. Manuel I.

As intervenções dos séculos XIV-XV e XVIII-XIX foram particularmente interessantes. Foi então que se terá desenvolvido a estrutura actual e criado o conjunto patrimonial classificado como Imóvel de Interesse Público: Paço e jardins; Capela e Via-sacra; Fonte de Neptuno; Cascata; Obelisco. É de salientar a continuidade espacial e temporal desta unidade de paisagem, e das suas funções de produção agrícola e de recreio, desde o séc. XIV, constituindo hoje um exemplo de valor histórico-cultural e de sustentabilidade paisagística.

O projecto de restauro, elaborado de acordo com as Cartas e Convenções Internacionais, baseou-se nas sucessivas investigações sobre a Quinta, no estado de conservação e no potencial dos seus elementos para recreio e turismo.

Os trabalhos de prospecção permitiram identificar o estado de conservação dos diversos elementos e calcular estimativas orçamentais, determinando uma intervenção centrada no restauro do Lago do jardim de buxo, dos muros e do mirante do Paço.

Já se ouve água a correr nos jardins do Paço de Belas!



## 11. Quinta de Santo António



Gozando de largas vistas sobre o vale de Carriche, a Quinta de Santo António remete-nos para o ambiente bucólico que outrora se fez sentir na Ameixoeira. A construção que desde o século XVII foi sucessivamente transformada e acrescentada, integra hoje o núcleo histórico desta freguesia, ao qual permanece fiel mantendo o seu jardim histórico.

O seu actual proprietário, apresenta uma proposta de recuperação da Quinta, sugerindo a sua conversão em condomínio

habitacional que não afecta os jardins e que deles tira partido como jardins históricos do século XIX.

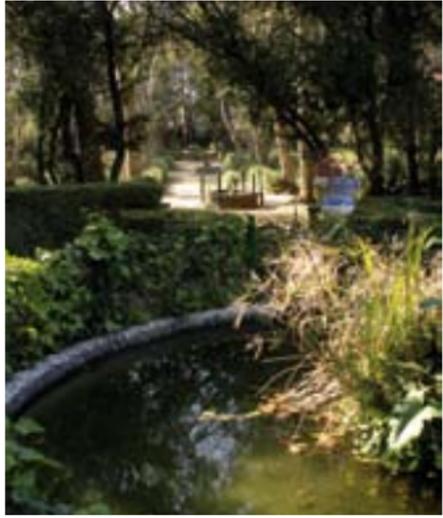
A sua inserção no Projecto "Restoration of gardens' hydraulic systems, walls and trails" foi oportunidade para descobrir, estudar e recuperar todo o sistema hidráulico que, recolhendo a água de um poço, através de uma nora, onde desagua uma mina, a distribui pelos jardins, regando e alimentando os diferentes elementos ornamentais que o preenchem, como fontes, lagos, cascatas e a parede de água. Este sistema foi mantido, tendo-se substituído a nora por uma bomba eléctrica.

A recuperação destes elementos restaurados e vulneráveis e a instalação de um anel primário que possa permitir a rega automática do jardim antecipa os trabalhos futuros, das obras de renovação dos edifícios e de construção das novas habitações.

## 12. Quinta da Francelha

A Quinta da Francelha localiza-se muito próximo do Aeroporto da Portela, no concelho de Loures, numa antiga área de quintas nos arredores de Lisboa onde as famílias passavam o Verão.

A casa, classificada como Imóvel de Interesse Público em 1983, foi construída no século XVII. Nos finais do século XVIII foi aumentada e adornada por Félix Martins da Costa, antepassado dos actuais proprietários. Em redor da casa plantou vinha, árvores de fruto e o jardim. Na mesma altura, Félix Martins da



Costa erigiu o sistema hidráulico para facilitar a rega das culturas e jardins. O jardim adjacente à fachada Sul da casa tem três lagos alinhados perpendicularmente à mesma terminando na mata de estrato arbóreo centenário e de grande variedade. A Oeste da casa encontra-se o poço que alimenta todo o sistema hidráulico através de um aqueduto para o qual a água era elevada originalmente por uma nora de alcatruzes, posteriormente por um moinho de armação americano, até que este deixou de funcionar e o aqueduto perdeu a sua função.

Adjacente à fachada Norte da casa há um pequeno jardim de buxo com uma cascata de embrechados que era alimentada pela água proveniente do aqueduto.

Com a intervenção requalificou-se a drenagem do terreiro da entrada, para o qual está voltada a fachada principal da casa, jardim adjacente à fachada Sul da casa e limite Oeste da Quinta e restaurou-se pequena cascata de embrechados.

Sendo discreta a intervenção, considera-se da maior importância, pois a drenagem permite melhorar todo o conjunto construído. O restauro da fonte de embrechados dá já vida ao pequeno jardim de características íntimas, onde se conjugam os bancos, os buxos e os pavilhões do alambique/adega e pombal.

## JARDINS DO PALÁCIO DOS MARQUESES DE FRONTEIRA

### PROPRIEDADE

Fundação das Casas de Fronteira e Alorna

### REPRESENTANTE

Fernando Mascarenhas (Marquês de Fronteira)

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XVII

### ÁREA

6.4 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Limpeza das minas; restauro do sistema de repuxos e esguichos da Casa de Fresco e do Lago dos SS; construção do jardim do laranjal com oito lagos e três espelhos de água para armazenamento da água vinda da Casa de Fresco e Lago dos SS.

### VALOR

197 193.95 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:  
Arq.ª Cristina Castel-Branco (directora)  
Arq.ª Raquel Carvalho

### PROJECTO DE HIDRÁULICA

Campo d'Água, Engenharia e Gestão, Lda.

### EMPREITEIRO

EJR - Sociedade Técnica de Projectos e Construções, Lda.

TELEFONE | 217 782 023

E-MAIL | FRONTEIRAALORNA@MAIL.TELEPAC.PT

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

JUNHO A SETEMBRO

10H30 | 11H00 | 11H30 | 12H00

OUTUBRO A MAIO

11H00 | 12H00

TODAS AS VISITAS SÃO GUIADAS

FECHADO AOS DOMINGOS E FERIADOS

PARA VISITAS DE GRUPOS (MAIS DE 10 PESSOAS)

POR FAVOR TELEFONAR PARA O 217 782 023

## CLAUSTRO DO CONVENTO DO BOM SUCESSO

### PROPRIEDADE

Religiosas Dominicanas Irlandesas do Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso

### REPRESENTANTE

Irmã Alicia Rose Mooney

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XVII

### ÁREA

235 m<sup>2</sup>

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Restauro do sistema hidráulico dos esguichos do lago; colocação de calçada à portuguesa; muretes e instalação do sistema de drenagem.

### VALOR

23416,00 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:  
Arq.ª Cristina Castel-Branco (directora)  
Arq.ª Inês Fontes

### EMPREITEIRO

EJR - Sociedade Técnica de Projectos e Construções, Lda.

TELEFONE | 213011574

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

AOS SÁBADOS, POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## JARDIM JOSÉ DO CANTO

### PROPRIEDADE

SALBAT, SA.

### REPRESENTANTE

Margarida de Albuquerque de Athayde  
Augusto Athayde

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XIX

### ÁREA

6 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Reorganização do armazenamento e distribuição de água para que funcione com a força da gravidade; restauro do tanque; reconstrução de algumas paredes; instalação de rede de rega.

### VALOR

72152,52 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:  
Arq.ª Cristina Castel-Branco (directora)  
Arq.º Miguel Coelho de Sousa

### EMPREITEIRO

Aquafluxo  
António Fernando de Medeiros Cabral

TELEFONE | 296 650 310

E-MAIL:

RESIDENCIAL\_CASA\_DO\_JARDIM@HOTMAIL.COM

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

9H00 - 18H00 (INVERNO)

9H00 - 20H00 (VERÃO)

## QUINTA DA BOA VIAGEM

### PROPRIEDADE

José Teixeira de Queiroz

### REPRESENTANTE

José Teixeira de Queiroz

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Finais do século XVI

### ÁREA

3,5 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Reparação do sistema de minas e caleiras, fontes e canais de pedra; limpeza de quatro fontes e realocização da grande fonte de taça, degraus e pavimentos, ligação por escada à varanda da casa; reconstrução do muro de suporte da entrada; instalação de um sistema de rega automática.

### VALOR

107772,29 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:

Arq.ª Cristina Castel-Branco

(directora)

Arq.ª Maria Matos Silva

Arq.ª Inês Fontes

### EMPREITEIRO

Alfredo & Carvalho, Lda.

TELEFONE | 258 835 835  
TELEMÓVEL | 935 835 835  
E-MAIL | [JOSE@QUINTADABOAVIAGEM.COM](mailto:JOSE@QUINTADABOAVIAGEM.COM)  
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:  
POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## JARDIM DO PAÇO VITORINO

### PROPRIEDADE

José Pereira Coutinho

### REPRESENTANTE

José Pereira Coutinho

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Séculos XVI e XVII

### ÁREA

2 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Limpeza e recuperação do sistema de minas de água; restauro/reconstrução dos muros de suporte e reparação de canais, tanques e fontes.

### VALOR

83149,24 €

### EQUIPA DE PROJECTO

Arq.ª Ana Luísa Soares

(directora)

Arq.ª Marta Malheiro

Arq.º Bernardo de Magalhães e Menezes (estagiário)

### EMPREITEIRO

Salvador, Albino & Fernandes

TELEFONE | 253 684 884  
E-MAIL | [CCOUTINHO@IEP.UMINHO.PT](mailto:CCOUTINHO@IEP.UMINHO.PT)  
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:  
POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## JARDIM DA CASA DE JUSTE

### PROPRIEDADE

Sociedade Agrícola de Juste, S.A.

### REPRESENTANTE

Ana Osório Guedes e Fernando Guedes

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XVI

### ÁREA

12 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Construção/recuperação de caminhos, muros e drenagem; construção de tanque para armazenamento e distribuição de água das minas; instalação de sistemas de rega automatizada.

### VALOR

74795,00 €

### EQUIPA DE PROJECTO

Plano Auxiliar, Des. Arquitectura, Lda.:

Arq.ª Teresa Chambel

(directora)

Arq.ª Inês Pereira de Lima

### EMPREITEIRO

Instal Rega - Projectos e Construção de Sistemas de Rega e Jardins, Lda.

Silva Pintos, Lda.

TELEFONE | 265 550 930 | 255 821 626  
E-MAIL: [CASADEJUSTE@CASADEJUSTE.COM](mailto:CASADEJUSTE@CASADEJUSTE.COM)  
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:  
POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

### PROPRIEDADE

Universidade de Coimbra

### REPRESENTANTE

Helena Freitas

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XVIII

### ÁREA

13 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Recuperação do sistema de canais subterrâneos e recolção de água para a irrigação/rega automática; implementação de um sistema de rega/irrigação automático com recurso ao sistema gota-a-gota e rega local para optimização e melhoramento da gestão da água; abertura de um furo; limpeza e levantamento da Fonte de Santa Escolástica.

### VALOR

52843,01 €

### EQUIPA DE PROJECTO

Plano Auxiliar, Des. Arquitectura, Lda.

Arq.<sup>a</sup> Teresa Chambel (directora)

Arq.<sup>a</sup> Ana Luísa Soares

Eng.<sup>o</sup> Francisco Manso

Arq.<sup>a</sup> Inês Pereira de Lima

### EMPREITEIRO

Construções Castanheira & Joaquim Dryas Forte & Gomes

TELEFONE | 239 855 233

E-MAIL | JARDIM@BOT.UC.PT

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

9H00-12H00, 14H00-17H00

HORÁRIO DO JARDIM:

1 DE OUTUBRO A 31 DE MARÇO | 9H00 - 17H30

(TODOS OS DIAS)

1 DE ABRIL A 30 DE SETEMBRO | 9H00 - 20H00

(TODOS OS DIAS)

## QUINTA DAS LÁGRIMAS

### PROPRIEDADE

Quinta das Lágrimas – Sociedade Imobiliária e de Construção, S.A.

### REPRESENTANTE

José Miguel Júdice

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Séculos XIV, XVII, XIX e XXI

### ÁREA

12 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Restauro da Fonte e Cano dos Amores (século XIV); restauro dos muros de suporte da mata (séculos XIV e XVI); reparação do tanque de prensa da azeitona e respectivos ductos (século XVII); impermeabilização dos lagos e recuperação da cascata (século XIX); drenagem do prado e construção de lago com 305 m3 para rega.

### VALOR

158198,34 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:

Arq.<sup>a</sup> Cristina Castel-Branco

(directora)

Arq.<sup>o</sup> Miguel Coelho de Sousa

### EMPREITEIRO

Vibeiras

Pedro Leitão

Forte & Gomes

António Escada

TELEFONE | 239 802 380

E-MAIL | COMERCIAL@QUINTADASLAGRIMAS.PT

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

9H30 – 5H30 (FECHADO SEGUNDA-FEIRA)

VISTAS GUIADAS MEDIANTE MARCAÇÃO,

PARA GRUPOS COM MAIS DE 8 PESSOAS

(RESERVAS ATÉ AO SÁBADO ANTERIOR À VISITA)

## QUINTA DAS MACHADAS

### PROPRIEDADE

Hugo O'Neill

### REPRESENTANTE

Hugo O'Neill

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Século XVIII

### ÁREA

5,5 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Restauro das condutas do aqueduto e duas noras; reparação dos canais, tanques, fontes e recuperação da água para o sistema automático de rega, bem como pégulas, bancos e elementos construídos.

### VALOR

84748,50 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:

Arq.<sup>a</sup> Cristina Castel-Branco

(directora)

Arq.<sup>a</sup> Maria Matos Silva

Arq.<sup>a</sup> Raquel Carvalho

### TRABALHOS DE PROSPECÇÃO

EJR – Sociedade Técnica de Projectos e Construções, Lda.

### EMPREITEIRO

Chão Bom, Jardins e Espaços Verdes Projectos e Manutenção, Lda.

TELEFONE | 265 550 930 | 967 082 817

E-MAIL | MACUINEILL@GMAIL.COM

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## PAÇO DE BELAS E QUINTA DO SENHOR DA SERRA

### PROPRIEDADE

Sociedade Agrícola Sagrial, Lda.

### REPRESENTANTE

José António Martins Victorino

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Séculos XIV/XVIII

### ÁREA

40 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Restauro do lago do jardim de buxo; restauro do muro entre o paço e a capela; restauro pontuais no muro exterior do paço; recuperação do pavimento da alameda dos plátanos e da zona envolvente da cascata.

### VALOR

26.745,00 €

### EQUIPA DE PROJECTO

Arq.<sup>o</sup> Miguel Coelho de Sousa (director)

Arq.<sup>a</sup> Cristina Castel-Branco

### EEMPREITEIRO

Jeka, Conservação e Restauro, Lda.

TELEFONE | 214 310 038 | 214 325 440

FAX | 214 325 429

E-MAIL | QSSERRA@GMAIL.COM

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

2<sup>a</sup> A SÁBADO: 9H00 – 19H00

3<sup>a</sup> A DOMINGO: 9H00 – 22H00

## QUINTA DE SANTO ANTÓNIO

### PROPRIEDADE

Ameixoeira, SA

### REPRESENTANTE

António Macedo

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Séculos XVII e XIX

### ÁREA

0,5 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Limpeza e reactivação do poço e cisterna; reconstrução de parte do muro de pedra; limpeza dos lagos; restauro de uma fonte de conchas e parede verde, de um chafariz e de uma queda de água.

### VALOR

35561,93 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:

Arq.<sup>a</sup> Cristina Castel-Branco (directora)

Arq.<sup>a</sup> Inês Fontes

Arq.<sup>o</sup> Bernardo de Magalhães e Menezes (estagiário)

### EMPREITEIRO

EJR – Sociedade Técnica de Projectos e Construções, Lda.

Árvores & Pessoas – Gestão da Árvore no Espaço Urbano

TELEFONE | 229 352 024

TELEMÓVEL | 965 628 135

E-MAIL | ANTONIO-MACEDO@IOL.PT

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

## QUINTA DA FRANCELHA

### PROPRIEDADE

Francisco Guedes de Martel Patrício e Irmãos

### REPRESENTANTE

Francisco Patrício

Leonor Patrício

### DATA DE CONSTRUÇÃO

Séculos XVII e XVIII

### ÁREA

1,6 hectares

### NATUREZA DOS TRABALHOS

Regeneração do sistema de drenagem do pátio de entrada, do jardim e da horta; restauro da cascata de embrechados.

### VALOR

19436,22 €

### EQUIPA DE PROJECTO

ACB - Arquitectura Paisagista, Lda.:

Arq.<sup>a</sup> Cristina Castel-Branco (directora)

Arq.<sup>a</sup> Inês Fontes

### EMPREITEIRO

EJR - Sociedade Técnica de Projectos e Construções, Lda.

TELEFONE | 917 252 005

E-MAIL |

MARGARIDACARVALHOPATRICIO@GMAIL.COM

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

POR MARCAÇÃO TELEFÓNICA

